

PERFIL ANTROPOMÉTRICO E NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA HABITUAL EM ESCOLARES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE BOM JARDIM/PE

 <https://doi.org/>

Ian Thiago de Lima Barbosa¹ , Leomir Barros Coutinho de Melo² , Luís Henrique Ferreira da Costa, Jaiurte Gomes Martins da Silva^{3*} 

1. Especialista em administração e Marketing esportivo - Universidade Federal de Pernambuco.
2. Mestre em Educação - Universidade Federal de Pernambuco.
3. Universidade Federal de Alagoas.

Recebido: junho 26, 2025 | **Aceite:** julho 28, 2025

RESUMO

A obesidade é uma condição de acúmulo anormal ou excessivo no tecido adiposo na medida em que a saúde pode ser prejudicada, sendo uma das epidemias que cresce de forma significativa a cada ano nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. As crianças/adolescentes cada vez mais deixam de praticar atividade ou exercício físico e, conseqüentemente, pode acarretar a obesidade. A educação física escolar está relacionada com a obesidade. Quanto mais cedo estimularmos a prática de atividade física, com o passar do tempo os adolescentes se tornarão adultos ativos. O presente estudo teve como objetivo analisar o perfil antropométrico e o nível de atividade física habitual de escolares do 3º ano de ensino médio de Bom Jardim - PE. Trata-se de uma pesquisa descritiva de corte transversal, onde foram avaliados 40 estudantes com idade entre 15 a 18 anos de idade, sendo 12 do sexo masculino e 28 do feminino, submetidos à aferição de peso e estatura. Além disso, os voluntários responderam a anamnese e um questionário para avaliar o nível de atividade física habitual. Na análise das variáveis antropométricas, grande maioria dos alunos das duas escolas se classificou com o IMC normal, tendo uma média de 20,7 na escola Dr. Mota Silveira (DMS) e 21,1 na escola Justulino Ferreira Gomes (JFG), sem diferença significativa. Em relação ao nível de atividade física, grande maioria dos voluntários das duas escolas se classificou como ativos, apresentando valores muito parecidos, 76% e 74% para as escolas DMS e JFG, respectivamente. No nível socioeconômico também teve valores muito parecidos na sua classificação, sendo que apenas uma pessoa de toda a amostra se classificou no Nível A. A maioria dos alunos de ambas as escolas apresentaram IMC normal e foram classificados como ativos, mostrando assim que não houve diferença para as características antropométricas e o nível de atividade física de alunos do 3º ano do ensino médio das duas escolas do mesmo município e localizadas em regiões diferentes.

Palavras-chave: Adolescentes. Atividade Física. Escolares. Obesidade.

***Autor Correspondente:** jaiurte.silva@arapiraca.ufal.br

1. INTRODUÇÃO

A obesidade é conceituada de diversas formas. Para a Organização Mundial da Saúde (2000), a obesidade é uma condição de acúmulo anormal no tecido adiposo, podendo ser prejudicial à saúde. Já Barbany e Foz (2002), dizem que a obesidade é uma doença crônica caracterizada por um aumento da massa de gordura, em que se tem como resultado um aumento no peso.

A obesidade e o sobrepeso atingem adolescentes, crianças, adultos e idosos de ambos os sexos e são considerados problemas de saúde no mundo. No cenário brasileiro e mundial, o excesso de peso vem encarando um crescimento considerável que é causador de enormes complicações (Menezes e Vasconcelos, 2021) e evidenciando um contexto desafiador à saúde, tornando-se um prevalente problema de saúde pública (Kumar e Kaufmann, 2018). Nos Estados Unidos (EUA), na pesquisa elaborada por Odgen *et al* (2014) em 2011 e 2012, mostrou que (34,9%) da população foram classificados como obesos.

De acordo com Kosti e Panagiotakos (2006), a obesidade apresenta um rápido crescimento nas crianças e adolescentes, impactando sobre a sua saúde e qualidade de vida. No Brasil, nos últimos anos, observou-se predomínio do excesso de peso nos indicadores da população infantil, avaliando-se que 12,4% dos meninos e 9,4% das meninas foram considerados obesos em 2020 (SBC, 2020), sendo que cresceu mais de 300% entre os anos de 1989 e 2009 o número de crianças obesas de 5 a 9 anos (Crescente *et al.*, 2021).

A possibilidade da criança ou adolescentes obesos permanecerem com essa prevalência na idade adulta é muito grande (Dos Santos Porto, 2019), aumentando as chances de morbimortalidade para diversas doenças. Deste modo o avanço nas prevalências de sobrepeso e obesidade na infância/adolescência preocupa (Escrivão *et al*, 2000).

Uma das características do aumento da obesidade é manter-se com um estilo de vida sedentário. Portanto, adotar hábitos de vida saudável e praticar atividade física ou exercício físico de forma regular é essencial na prevenção da obesidade (Da Rosa, 2021).

A OMS (2011) define a atividade física como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que requer gasto de energia, onde incluem esportes e exercícios. Para seus benefícios, a prática de atividade física com intensidade moderada já traz bastantes benefícios para saúde. Segundo a OMS (2010), alguns dos benefícios são: ajuda a controlar o peso, pode reduzir riscos de doenças cardiovasculares, câncer do cólon e mama, diabetes e depressão.

Estimular a prática da atividade física em crianças e adolescentes é necessário para que eles tenham uma vida adulta mais ativa (Capristano, 2022). Para o *American College of Sports Medicine*

(ACSM) e para a *American Heart Association* (AHA), a recomendação é de 30 minutos, em 5 dias por semana ou um mínimo de 20min de intensidade vigorosa em 3 dias por semana. Para os jovens (5 a 17 anos), a recomendação é com 60 minutos por dia de intensidade moderada a vigorosa, ou pelo menos 3 vezes de intensidade vigorosa por semana (Santos, 2022).

A educação física escolar é a disciplina ideal para se avaliar o estado nutricional dos escolares e propor estratégias de intervenção (Araújo; Brito; Silva, 2010). Atualmente um dos papéis da educação física são a socialização e a promoção da saúde, podendo assim elaborar estratégias de prevenção ou controle de doenças, para uma melhor qualidade de vida (Brito, 2024).

Além de todas as evidências que relacionam a inatividade física com as condições reduzidas de saúde, há na literatura poucos estudos que tenham discutido esse tema com a análise em diferentes regiões de nosso país. Assim, tal estudo torna-se importante, considerando ser de extrema importância para alertar adolescentes, pais e/ou responsáveis, para que tomem conhecimento sobre os riscos que a obesidade e o sedentarismo podem causar em sua saúde e os seus reflexos sobre a sociedade.

Nesse sentido, o estudo tem por objetivo Analisar o perfil antropométrico e o nível de atividade física habitual de estudantes de escolas localizadas em regiões diferentes do mesmo município.

2. METODOLOGIA

2.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa descritiva de corte transversal que tem como base de estudo as Escolas de Referência em Ensino Médio Dr. Mota Silveira e Justulino Ferreira Gomes da rede estadual de ensino localizada na cidade de Bom Jardim - PE.

As escolas tinham características distintas, a saber:

1 - Escola Dr. Mota Silveira (DMS), é localizada em região urbana mais próxima ao centro da cidade (2,3 km) no bairro da Vila Noelândia. Possui: quadra poliesportiva, laboratórios, refeitório, salas em bom estado, já em suas redondezas existem academia da cidade, quadras poliesportivas, academias de funcional, casas e supermercados.

2 - Escola Justulino Ferreira Gomes (JFG), é localizada em região urbana mais afastada do centro da cidade (15 km) no distrito de Umari. Possui: quadra poliesportiva, laboratórios, refeitório, salas em bom estado, já em suas redondezas quadra poliesportivo, casas e supermercados.

2.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

O público alvo foram 93 estudantes matriculados no 3º ano do ensino médio na rede estadual de Bom Jardim- PE. A amostra foi composta por 40 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 15 e 18 anos de idade, sendo 12 do sexo masculino e 28 feminino, matriculados e frequentando regularmente no segundo semestre dos 3º Anos de ensino médio de duas escolas de referência em ensino médio da rede pública estadual de ensino. A escola Dr. Mota Silveira teve 21 alunos na sua amostra, enquanto a Justulino Ferreira Gomes teve 19 alunos. Todos os adolescentes presentes no dia da coleta de dados e que entregaram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE) assinado, participaram do estudo.

O cálculo da amostra foi baseado no número total de alunos matriculados, mantendo-se um nível de confiança de 95% e um erro padrão de estimativa de 5%, gerada pelo software GPower for Windows versão 3.1. Para evitar o erro relacionado à perda da amostra, serão acrescentados 25% da amostra.

2.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

A seleção dos voluntários consistiu mediante os critérios de inclusão: pertencer à série de 3º ano do Ensino Médio e após explicação do projeto os responsáveis pelos voluntários/alunos que assinaram o TCLE e o TALE.

Os critérios de exclusão do projeto foram: os alunos que não entregaram os TCLE e o TALE devidamente assinados, alunos ausentes no dia da coleta de dados, aqueles com incapacidade mental e outros que se julgou impossibilitados de responder ao questionário.

2.4. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A coleta foi realizada nas respectivas salas de aula e o responsável pela coleta foi os próprios pesquisadores, que entregou o questionário aos adolescentes e as dúvidas foram esclarecidas no decorrer do preenchimento.

Como instrumentos foram utilizados uma ficha para coleta de dados sobre Anamnese, o perfil sociodemográfico dos participantes e por último, o Questionário de Avaliação da Atividade Física Habitual.

As informações contidas no questionário sociodemográfico da Associação Brasileira de Empresa em Pesquisa (ABEP) relacionam questões envolvendo aos itens de conforto do seu domicílio (itens eletrônicos), como a água do domicílio é proveniente (Rede Geral de Distribuição,

Poço ou Outro meio), como é o trecho da rua do domicílio (Asfaltada/pavimentada ou Terra/Cascalho) e o grau de escolaridade/instrução do chefe da família.

O Questionário de Avaliação da Atividade Física Habitual foi validado para estudos com adolescentes por Florindo (2006). Esse questionário consiste em 17 questões divididas em dois blocos: 1) esportes ou exercícios físicos (15 questões) e 2) atividades físicas de locomoção para a escola (duas questões). Ele avalia a atividade física semanal (blocos 1 e 2) e anual (bloco 1), e foi padronizado para gerar escores semanal e anual. Logo após respondê-lo, os alunos foram classificados em ativos e/ou insuficientemente ativos.

A massa corporal foi avaliada por meio de uma balança mecânica Balmak e a estatura por um estadiômetro ligado à balança. Os alunos foram pesados em uma única balança e a medição foi realizada com os participantes em pé na balança com as costas retas de frente para o medidor. As pernas e os calcanhares ficaram juntos, braços ao longo do corpo e olhando para frente, os alunos ficavam descalços e com o mínimo de roupa possível. Logo após serem pesados, foi feita a aferição da estatura, os alunos se posicionavam em pé, descalços, com os calcanhares unidos, costas retas, com os braços estendidos ao longo do corpo e olhando para frente. A medida foi coletada com o estudante em apneia, após uma inspiração profunda (Costa, 2001). Assim, os dados foram utilizados para cálculo do Índice de Massa Corporal ($IMC = \text{massa corporal (kg)} / \text{estatura}^2(\text{m})$) e após a coleta desses dados, os alunos foram classificados de acordo com os critérios propostos pela OMS (2000).

O projeto de pesquisa atendeu à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, onde foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (parecer n. 1.815.282). Todos os pais e/ou responsáveis legais pelos sujeitos assinaram o TCLE e o TALE antes de iniciar qualquer coleta de dados proposta neste estudo.

Dada à anuência do Departamento de Educação Física e das Escolas Estaduais de Referência em Ensino Médio Dr. Mota Silveira e Justulino Ferreira Gomes e a aprovação do CEP/UFPE, os alunos da escola foram informados acerca do propósito da pesquisa. Os interessados em participar foram cadastrados para futuro contato agendando reunião com os pais e/ou responsáveis para apresentar os objetivos e conteúdos referentes ao projeto proposto, esclarecer dúvidas e realizar a entrega do TCLE ou TALE. Após a apresentação, recrutamento, agendamento e o preenchimento do TCLE ou TALE, os sujeitos posteriormente tiveram a massa corporal e a estatura mensurados e foram solicitados a preencherem a anamnese, o questionário socioeconômico (ABEP, 2015) e o Questionário de Avaliação da Atividade Física Habitual.

2.5. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio do programa EXCEL. Para a análise descritiva, foram observadas as distribuições da média e desvio padrão. Para a determinação da relação entre as variáveis investigadas, foi utilizada a correlação de Pearson, com nível de significância de 0,05.

3. RESULTADOS

Os resultados das variáveis antropométricas (média e desvio padrão) de ambas as escolas estão descritivas nas respectivas tabelas 1 e 2. Como podemos observar não foram observadas diferenças significativas para peso, estatura e IMC entre as duas amostras avaliadas.

Tabela 1- Valores Descritivos das medidas antropométricas dos estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio Dr. Mota Silveira.

n= 21				
Variável	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	DP (±)
Idade, anos	16	18	16	0,6
Massa Corporal, Kg	42,5	92	56,52	10,4
Estatura, metros	1,53	1,79	1,64	0,7
IMC	15,94	28,71	20,76	2,7

Legenda: DP= Desvio Padrão

Tabela 2- Valores Descritivos das medidas antropométricas dos estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio Justulino Ferreira Gomes.

n= 19				
Variável	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	DP (±)
Idade, anos	16	18	16	0,6
Massa Corporal, Kg	40,7	72	56,12	8,3
Estatura, metros	1,52	1,83	1,63	0,9
IMC	17,36	28,96	21,13	3,2

Legenda: DP= Desvio Padrão

Como podemos observar na figura 1, embora haja diferenças percentuais entre as amostras de cada escola para cada uma das categorias de classificação do IMC, não foi encontrada diferença significativa entre as duas escolas.

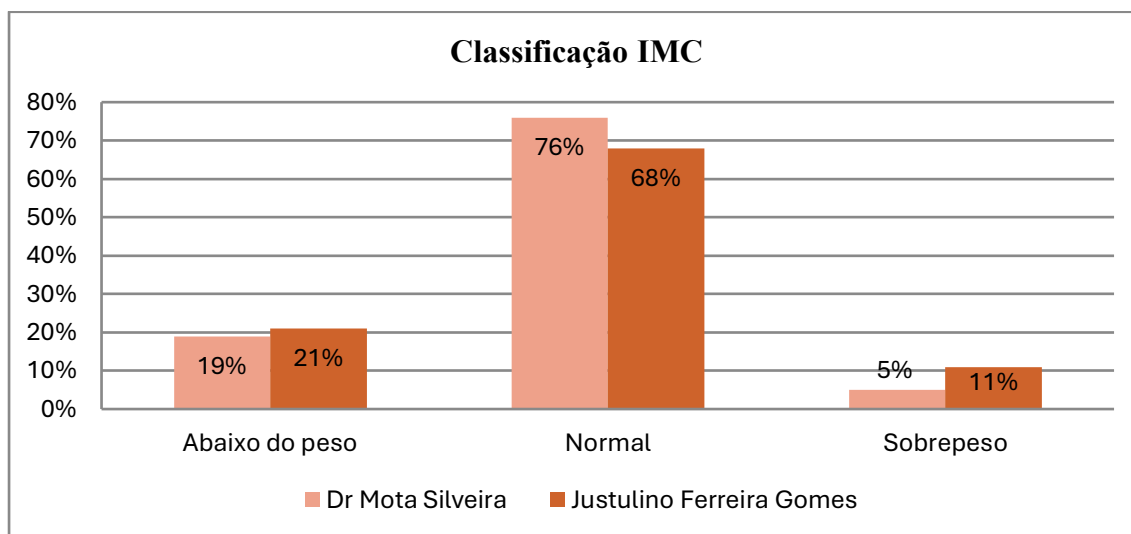


Figura 1 – Valores do Índice de Massa Corporal dos alunos dos 3º anos das escolas

Em relação à análise do nível de atividade física a maioria dos alunos em ambas as escolas foram considerados ativos (Figura 2).

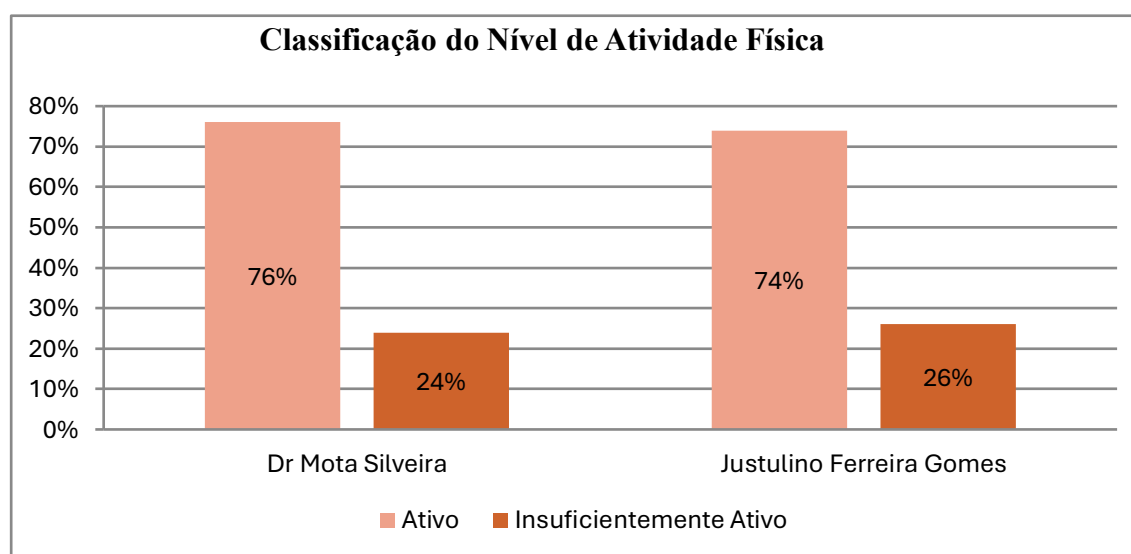


Figura 2 – Valores do Nível de Atividade Física dos alunos dos 3º anos das escolas.

Na figura 3 podemos observar a classificação socioeconômica dos participantes do nosso estudo. Não houve diferença significativa no nível socioeconômico para todos os estratos entre os participantes de ambas as escolas.

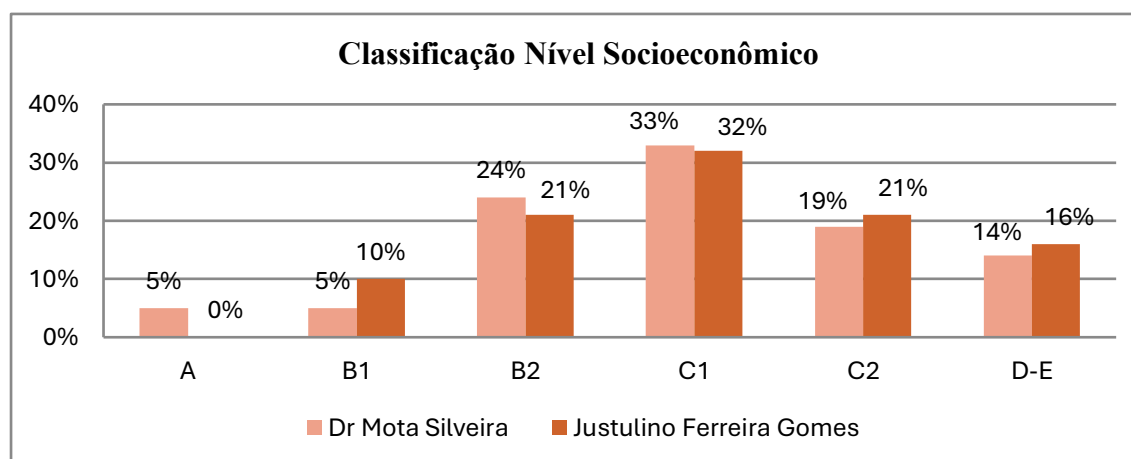


Figura 3 – Valores do Nível Socioeconômico dos alunos dos 3º anos das escolas

4. DISCUSSÃO

Este estudo é referente ao perfil antropométrico e nível de atividade física habitual de estudantes de duas escolas estaduais de Referência em ensino médio. Os dados exibiram que não houve diferenças significativas para peso, estatura e IMC entre as duas amostras avaliadas.

Em relação aos valores de Índice de Massa Corporal (IMC) obtidos pelos alunos das duas escolas são considerados normais de acordo com o critério de classificação da Organização Mundial da Saúde (2000). No estudo de Silva *et al* (2015), com o objetivo de identificar o perfil antropométrico de escolares entre 14 a 18 anos, a média de todos os alunos está dentro da classificação ideal. Já no estudo de Pedrosa *et al* (2014), a média do IMC dos estudantes foi de 18,9 também sendo considera normal diante do método de classificação.

Na pesquisa de Aimi (2020), no qual o objetivo foi avaliar o estado nutricional, o nível de atividade física e aptidão física relacionada à saúde de escolares, dos anos finais do Ensino Fundamental, evidenciaram que o IMC dos meninos ficou com média de $20,47 \pm 3,57$ e as meninas $21,09 \pm 3,45$. No estudo de Balduino *et al* (2015), onde o objetivo foi verificar o IMC de alunos da educação básica de 7 a 17 anos, 49% dos alunos apresentaram o IMC normal, 5% baixo peso, 33% sobrepeso e 13% obesidade. No estudo de Fascina e Braga (2013), com adolescentes de 10 a 19 anos verificou-se uma prevalência de excesso de peso de 36% nos meninos. Já no estudo de Costa *et al* (2012), os alunos tiveram um sobrepeso/obesidade de 28%.

Em estudo realizado por Tassitano *et al* (2009), com estudantes do ensino médio de Pernambuco, a prevalência de sobrepeso e obesidade foi de 11,5% e 2,4%, respectivamente. Como podemos observar os participantes do nosso estudo em comparação com a amostra da pesquisa por Tassitano e colaboradores (2009), tinham características semelhantes em relação ao sobrepeso, mas

não detectamos nenhum adolescente com a classificação de obesidade em ambas as escolas. Talvez, o fato da maioria dos adolescentes se classificarem como ativos (Figura 2) fez com que nenhum aluno se classificasse como obesos na amostra ou em hipótese os adolescentes não passarem maior tempo em frente aos avanços tecnológicos podem ter colaborado para não classificação de obesos.

No que diz respeito ao nível de atividade física a maioria dos alunos em ambas as escolas foram considerados ativos. O estudo de Aimi (2020), intitulado como o estado nutricional, nível de atividade física e aptidão física relacionada à saúde de estudantes do ensino fundamental de uma escola particular de Porto Alegre exibiu que meninos são mais “Ativos” que as meninas, melhores níveis de aptidão cardiorrespiratória e maior resistência abdominais, enquanto as meninas destacaram-se na flexibilidade.

Na pesquisa de Souza (2022), que objetivou estimar a prevalência dos níveis insuficientes de atividade física e fatores associados entre adolescentes com 2.040 adolescentes distribuídos em 21 escolas, trouxe como resultado que 21,3% eram insuficientemente ativos e 23,7% fisicamente inativos. As chances de ser insuficientemente ativo foram maiores entre as meninas (OR = 1,39; IC95%: 1,01 – 1,91).

Já no estudo de Souza *et al* (2011), onde o objetivo era avaliar o nível de sedentarismo de adolescentes de uma escola pública no Estado do Rio Grande do Sul, 56,3% dos alunos foram classificados como sedentários e 47,7% classificados como ativos. Ceschini e Júnior (2006) apontam em sua pesquisa com a mesma faixa etária (alunos do ensino médio do 1º ao 3º ano) que conforme aumenta a série, há uma redução na proporção de adolescentes classificados como suficientemente ativos, constatando redução média de 59,8% do nível de atividade física.

No estudo de Tenório *et al* (2010), com alunos do ensino médio de 76 escolas estaduais em Pernambuco (11% de escolas estaduais do estado) em 44 municípios (23% do total de municípios) apurou que a maiorias dos alunos foram classificados em insuficientes ativos com 65,1%. Nossos dados não corroboram com os dados de literatura, tendo em vista que para ambas as escolas, os adolescentes classificados como ativos foram 76,0% e 74,0% para as escolas DMS e JFG, respectivamente.

Como observado na figura 2, não foi observada diferença significativa entre os níveis de atividade física habitual das escolas estudadas, mas chama a atenção o fato de expressar grande número de adolescentes ativos. Apesar dos instrumentos utilizados serem diferentes do estudo, quando comparamos com a amostra e dados do estudo de Tenório e colaboradores (2010), um dos fatores que colaborou com o alto nível insuficiente de prática de atividade física dos adolescentes na

sua amostra foi o local de residência. Em hipótese, o fator local de residência poderia influenciar no nível de atividade física no nosso estudo, mas como observamos na figura 2 esse fator não aconteceu e os percentuais de alunos ativos em relação ao estudo de Tenório et al (2010) foram totalmente controversos do nosso. Talvez o fato de nenhum aluno em ambas as escolas se apresentarem como obesos colaborou para esse grande percentual de alunos ativos.

Os fatores socioeconômicos podem influenciar de maneira importante tanto as características antropométricas como o nível de atividade física dos indivíduos. Quando nos referimos a classificação socioeconômica dos participantes do nosso estudo, não houve diferença significativa no nível socioeconômico para todos os estratos entre os participantes de ambas as escolas.

No estudo de Souza (2022), citado anteriormente, houve maior chance de ser fisicamente inativo, em relação aos adolescentes ativos, entre aqueles que apresentavam renda de até R\$954 (OR = 1,44; IC95%: 1,09 – 1,92). Em relação às desigualdades em termos socioeconômicos, adolescentes com menor renda (até R\$954,00) apresentaram maiores chances de serem fisicamente inativos quando comparados aos de maior renda (acima de R\$1.500,00).

Na pesquisa realizada por Stalsberg (2010), realizado em países desenvolvidos assinalaram que adolescentes em vulnerabilidade social apresentavam baixos níveis de prática de atividade física.

No estudo de Ceschini e Júnior (2006), o nível socioeconômico da grande maioria dos adolescentes se concentrou entre os níveis C e D, e não foram encontrados adolescentes classificados no nível socioeconômico A. Já no estudo de Souza *et al* (2011), a maioria dos adolescentes se classificou no nível socioeconômico B (55,3%), enquanto a C (41,3%), D (2,4%) e A (1,0%). Nossa amostra em ambas as escolas apresentou maior prevalência de adolescentes pertencentes as classes B2 (DMS- 24%/FJG-21%) e C1/ C2 (DMS-33%/JFG-32%) / (DMS-19%/JFG-21%), respectivamente (tabela 5). Em hipótese a predominância de IMC normal e NAF ativo estariam relacionadas a características do nível socioeconômico.

Alguns estudos mostram que fatores socioeconômicos podem influenciar no índice de massa corporal e nível de atividade física. No estudo de Rech *et al* (2010), as crianças pertencentes as classes socioeconômicas mais altas, apresentaram prevalências de excesso de peso mais elevadas. No levantamento realizado por Campos, Leite e Almeida (2006), foi encontrada maior prevalência de sobrepeso/obesidade nas classes de maior nível socioeconômico (24,8%) em relação às de menor nível (17,4%), porém nos adolescentes de 15 a 19 anos a classe mais alta não apresentou excesso de peso/obesidade na amostra. Já no estudo de Ceschini, Florindo e Benício (2007), os adolescentes do nível socioeconômico B foram mais inativos quando comparados aos outros grupos sociais.

Nossos dados corroboram os resultados observados por Sousa *et al* (2014), onde o nível de Atividade física habitual associou-se negativamente com o nível socioeconômico mostrando que os indivíduos das classes socioeconômicas mais baixas se apresentam mais ativos do que os sujeitos das classes sociais mais elevadas.

Os fatores socioeconômicos poderiam ter influenciado nossos dados, porém os adolescentes em ambas as escolas tiveram uma distribuição no nível socioeconômico muito parecido, pouco foi influenciado nos resultados do IMC e do NAF. Em hipótese, os alunos da escola DMS poderiam ser mais ativos do que os alunos da escola JFG por morarem na cidade e terem mais opções para a prática de atividade física fora da escola, mas não foi observada diferença significativa.

4. CONCLUSÃO

O estudo objetivou analisar o perfil antropométrico e o nível de atividade física habitual de escolares do 3º ano de ensino médio de Bom Jardim - PE.

A grande maioria dos alunos das duas escolas se apresentou indivíduos ativos e com IMC normais. Com isso, conclui-se que não houve diferença significativa no nível de atividade física, índice de massa corporal e nível socioeconômico entre os adolescentes das duas escolas localizadas no mesmo município e em regiões diferentes. Porém, é necessários mais estudos como esses nessa região.

Nesse sentido, torna-se relevante o aprofundamento da temática em questão, com a realização de mais pesquisas utilizando outros caminhos metodológicos e com abordagens qualitativas e quantitativas.

REFERÊNCIAS

AIMI, Gabriel Alves et al. Estado nutricional, nível de atividade física e aptidão física relacionada à saúde de estudantes do ensino fundamental de uma escola particular de Porto Alegre. **Revista brasileira de nutrição esportiva. São Paulo. Vol. 14, no. 85 (mar./abr. 2020), p. 121-135., 2020.**

ARAÚJO, R. A; BRITO, A. A; SILVA, F. M. **O papel da educação física escolar diante da epidemia da obesidade em crianças e adolescentes.** Educação Física em Revista ISSN: 1983-6643, vol.4, nº2 mai/jun/jul/ago, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). Critério da Classificação Econômica Brasil.

BALDUÍNO, D. M. **Avaliação Do Índice De Massa Corporal (IMC) Dos Alunos Da Escola De Educação Básica Aparício Júlio Farrapo**. Seminário Institucional do PIBID, ISSN: 2447-6366, 2015.

BARBANY, M.; FOZ, M. **Obesity: Concept, Classification and Diagnosis**. An Sist Sanit Navar, v. 25 Suppl 1, p. 7-16, 2002.

BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003. **Antropometria e análise do estado nutricional de crianças e adolescentes no Brasil**.

BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009. **Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil**.

BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009.

BRITO, Laianne et al. Contribuições da Educação Física escolar em relação à obesidade infantil. Uma revisão de literatura. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 28, n. 309, 2024.

CAPISTRANO, Gisele Bailich et al. Obesidade infantil e suas consequências: uma revisão da literatura. **Conjecturas**, v. 22, n. 2, p. 47-58, 2022.

CAMPOS, L. A; LEITE, A. J. M; ALMEIDA, P. C. Nível socioeconômico e sua influência sobre a prevalência de sobrepeso e obesidade em escolares adolescentes do município de Fortaleza. Rev. Nutr., Campinas, vol.19, n.5, p.531-538, 2006.

CESCHINI, F. L.; FLORINDO, A. A.; BENÍCIO, M. H. D' A. **Nível de atividade física em adolescentes de uma região de elevado índice de vulnerabilidade juvenil**. Revista Brasileira de Ciências e Movimento, v.15, n.4, p.67-78, 2007.

CESCHINI, F. L; JÚNIOR A. F. **Nível de atividade física de adolescentes durante o ensino médio**. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, ano III, nº 7, jan/mar, 2006.

COSTA, S. A. **A Prevalência Da Obesidade Dos Alunos Dos 1º Anos Do Ensino Médio Da Eefm Zilda Da Frota Uchoa Localizada No Município De Vilhena – Rondônia**, ARIQUEMES, (RO) Brasil, 2012.

COSTA, R.F. **Composição corporal: Teoria e prática da avaliação**. Barueri: Manole, 2001.

DA ROSA, Sonia Maciel; DA SILVA PINHEIRO, Izélia Barbosa. Estudo prognóstico e avaliativo da prevalência de sobrepeso e obesidade em estudantes do 1º ano do ensino médio da escola estadual nossa senhora de nazaré no município de Manacapuru-AM, 2021.

DOS SANTOS PORTO, Tatiana Naiana Rodrigues et al. Prevalência do excesso de peso e fatores de risco para obesidade em adultos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 22, p. e308-e308, 2019.

DA SILVA, Adilamara Valentim et al. **PERFIL ANTROPOMÉTRICO EM ESCOLARES DA CIDADE DE ARIQUEMES–RONDÔNIA**. 2015.

ESCRIVÃO, M.A.M.S; OLIVEIRA, F.L.C; TADDEI, J.A.A.C; LOPEZ, F.A. **Obesidade exógena na infância e adolescência**. Journal of Pediatrics, v. 76, p.305-310, 2000.

FACINA, V. B.; BRAGA, J. G. L. **Perfil Antropométrico de Adolescentes do Recôncavo da Bahia**. Rev. Ciênc. Ext. v.9, n.3, p.21-33, 2013.

FLORINDO, A.A; ROMERO, A; PERES, S.V; SILVA, M.V; SLATER, B. **Desenvolvimento e validação de um questionário de avaliação da atividade física para adolescentes**. Revista Saúde Pública, 40(5): p.802-809, 2006.

KOSTI, R. I; PANAGIOTAKOS, D. B. **The epidemic of obesity in children and adolescents in the world**. Cent Eur J Public Health, v. 14, n. 4, p. 151-9, 2006.

OGDEN, C.L; CARROLL, M.D; KIT, B.K; FLEGAL, K. M. Prevalence of Childhood and Adult Obesity in the United States, 2011-2012. The **Journal of American Medicine (JAMA)**, v.311, n.8, p.806-814, 2014.

PATE, R. R. Physical activity and public health. **A recommendation from the Centers for Disease Control and Prevention and the American College of Sports Medicine**. JAMA, v. 273, n. 5, p. 402-7, 1995.

PEDROZA, T. H. **Nível de Atividade Física, Hábitos Alimentares, e Índice de Massa Corporal de Escolares do Município de Guaxupé-MG**. Muzambinho, (MG) Brasil, 2014.

RECH, R.R; HALPERN, R; COSTANZI, C.B; BERGMANN, M.L.A; ALLI, L.R; MATTOS, A.P; TRENTIN, L; BRUM, L.R. **Prevalência de obesidade em escolares de 7 a 12 anos de uma cidade Serrana do RS, Brasil**. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, vol. 12, n. 2, p. 90 - 97, 2010.

SANTOS, Thays Gonçalves; FREITAS, Ronilson Ferreira; RODRIGUES, Adriana Bispo. **NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA, COMPORTAMENTO SEDENTÁRIO E QUALIDADE DE VIDA EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE JOAÍMA, MINAS GERAIS**. **RENEF**, v. 5, n. 6, p. 131-142, 2022.

SILVA, A. V; NASCIMENTO, M. M. A; SILVA, J. R. V; PAGANI, M. M. **Perfil Antropométrico em Escolares da Cidade de Ariquemes – Rondônia**, Ariquemes, (RO) Brasil, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA (SBC). **Programa Nacional de prevenção e epidemiologia**. 2008

SOUSA, R. F. S; FILHO, N, J, B, A; FELIPE, T. R; BEZERRA, J. A. L; REBOUÇAS, G. M; MENDEIROS, H, F. **Relação Entre o Nível Socioeconômico e o Nível de Atividade Física em Adolescentes**. EF Deportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, Ano 18, Nº189, Fevereiro, 2014.

SOUZA, R. P. **Nível De Sedentarismo Entre Adolescentes Do Município De Canoas, Rio Grande Do Sul, Brasil**. Educação Física em Revista ISSN: 1983-6643 v.5 n.2 Mai/Jun/Jul/Ago – 2011.

SOUZA, Nayra Suze et al. Prevalência dos níveis de atividade física e fatores associados entre adolescentes escolares. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 27, p. 1-9, 2022.

STALSBERG, Ragna; PEDERSEN, Are V. Effects of socioeconomic status on the physical activity in adolescents: a systematic review of the evidence. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v. 20, n. 3, p. 368-383, 2010.

TASSITANO, R. M; BARROS, M. G. V; TENÓRIO, M. C. M; BEZERRA, J; HALLAL, P.C. **Prevalência e fatores associados ao sobrepeso e à obesidade em adolescentes, estudantes de escolas de Ensino Médio de Pernambuco, Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.25, n.12, p. 2639-2652, dez, 2009.

TENÓRIO, M. C. M. **Atividade Física E Comportamento Sedentário Em Adolescentes Estudantes Do Ensino Médio**. Rev Bras Epidemiol, v.13, n.1, p.105-17, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Obesity: Preventing and Managing the Global Epidemic**. Report of a WHO Consultation on Obesity. Geneva. WHO. 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global recommendations on physical activity for health**. Genebra: WHO; 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global recommendations on physical activity for health**. Genebra: WHO; 2011.